



O jornal de estudantes
de medicina da USP



São Paulo, Julho de 2005 · Ano LXXV · Edição nº 02



EXAME DE HABILITAÇÃO EM MEDICINA

Entre o diploma da FMUSP e o registro no CREMESP

Saiba mais sobre projetos que, a exemplo do exame da OAB, pretendem instituir uma prova pela qual os graduados em medicina teriam que passar para obter o registro no Conselho. Leia também sobre esse tema as opiniões do Professor Giovanni Guido Cerri, diretor da FMUSP, e do Professor José Aristodemo Pinotti, ex-professor titular da ginecologia e atual secretário de educação da cidade. *Páginas 3, 4 e 5*

Leia editorial sobre direitos autorais e a questão da proibição de fotocópias na USP

☛ *Página 2*

Votação da LDO 2006: entenda qual o significado dessa lei para as universidades estaduais paulistas

☛ *Página 8*

EREM 2005

Veja como foi o Encontro Regional dos Estudantes de Medicina, realizado esse ano em São Paulo



☛ *Página 6*

EDITORIAL

Crime na Universidade

Recentemente os "xerox" de diversas universidades em todo o país têm sofrido vistorias regulares pela polícia federal. Essas ações têm como objetivo inibir a cópia de livros e fazem parte de uma política nacional de combate à pirataria. Entretanto, acreditamos que é no mínimo simplista combater a reprodução de livros nas universidades da mesma maneira que se combate a reprodução de CDs e DVDs para fins comerciais. A primeira diferença essencial entre a pirataria de CDs e DVDs e as cópias que nós fazemos de livros da biblioteca é essa mesma: a finalidade. Obviamente, ao reproduzir parte de um livro, nós estudantes não objetivamos lucro. Além disso, as cópias de livros promovem a difusão cultural e de conhecimento científico, o que é um direito expresso na Carta Constitucional. Mais que isso, a proibição da reprodução mesmo que parcial de livros torna inviável o funcionamento das instituições de ensino superior no país, já que é impossível que as bibliotecas adquiram o número de exemplares necessário para suprir as necessidades de todos os alunos.

O problema da proteção dos direitos autorais e, em contra partida, do direito de acesso à informação e ao conhecimento se torna ainda mais complexo quando analisamos a situação do mercado editorial brasileiro. Os preços praticados pelas editoras tornam os livros inacessíveis para uma parcela considerável da população estudantil, que necessita das bibliotecas e do "xerox" para obtenção da bibliografia essencial para sua formação. É sabido que o maior comprador de livros do país é o Governo Federal. A aquisição desses livros tem como objetivo suprir as bibliotecas públicas, universitárias ou não. Nesse con-



texto, aparentemente instalou-se um lobby empresarial das editoras junto a um conselho do Ministério da Justiça, o que pode explicar a recente onda de intervenções da polícia federal nas universidades. Dentre as resoluções desse conselho estão, por exemplo, recomendações ao Ministério da Educação para reavaliação do número de exemplares por aluno/disciplina. O conselho entende, portanto, que a resolução do problema está no aumento da aquisição de livros pelo governo, o que, obviamente, teria um importante impacto nos lucros das editoras.

Mas nós somos criminosos? É ilegal reproduzir um livro? De fato, a lei de direitos autorais, na qual se baseiam as intervenções policiais recentes, determina a proibição de cópia integral de livro. Essa mesma lei permite a "reprodução, em um só exemplar, de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este sem o intuito de lucro" (art 46. inc. II). A definição do termo "pequenos trechos", entretanto, é imprecisa. De qualquer forma, não há consenso quanto à interpretação dessa lei. Ainda assim, medidas baseadas na interpretação unilateral da lei de direitos autorais continuam sendo adotadas pela polícia federal.

É inadmissível que a proibição de cópias de livros nas universidades continue sendo tratada unicamente como assunto de polícia. É necessário que façamos frente ao lobby das editoras principalmente porque nós estudantes somos dos maiores interessados na garantia do direito universal de acesso ao conhecimento.

JORNAL DOS ESTUDANTES
DE MEDICINA DA USP
Departamento de Imprensa Acadêmica
Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

CONSELHO EDITORIAL

• Ariel Barreto Nogueira • Bruno Rocha Aragão • Celso Takashi Tutiya • Cinthya Taniguchi
• Ciro Matsui Junior • Claudinei Eduardo Biazoli Júnior • Gustavo Carneiro Ferrão
• Lucas Chaves Neto • Luciano Ângelo Richetti • Luiz Filipe Gottgroy de Carvalho
• Milena Aparecida Varella • Naíma Mortari Silva Santos • Pedro Augusto Magliarelli Filho
• Priscila Urtiga e Silva • Rafael Freitas Colaço • Simone Rocha Figueredo • Thiago José Buer Reginato

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

R1 Comunicação. Tel: (11)3654.2306

TRAGEM

5.000 exemplares

IMPRESSÃO

Gráfica e Editora Ponto a Ponto - Tel: (11) 3681.0933

Este jornal não se responsabiliza pelos textos assinados.
Textos, dúvidas e críticas devem ser enviados para obisturi@caoc.org.br

CRÔNICA

O Minueto

Gustavo Arruda P. F. de Barros (90).

Nasceu cirurgião. Filho de pais médicos, nunca se viu trabalhando em outro ofício. Fez cursinho e conseguiu entrar numa prestigiada faculdade. Estudou, fez as devidas Ligas, pesquisa científica, grupo de cirurgia... não aprendeu muito, mas talhou seu nome na memória dos que julgava necessário. Formou-se. Vibrou ao ser convidado para integrar o grupo cirúrgico de um renomado professor. Era sua grande chance de se estabelecer como um promissor jovem cirurgião. Em sua primeira participação, foi advertido pela anestesista da impaciência do exigente Professor. Este, quando em campo, odiava ser interrompido. Realmente, estórias sobre tal fúria eram famosas, algumas inclusive lendárias. O jovem cirurgião acreditava serem exageradas. O brilhante Professor era um homem simpático e educado. Ao conhecê-lo, teve até a impressão de se tratar de um sujeito brincalhão, debochado. Entrou na sala descontraído, preparando-se para a aula. O Professor chegou logo em seguida, carregado por seus apóstolos.

A cirurgia teve início. O competente Professor, muito calado durante toda a cirurgia, esboçou algo:

- Prestem todos muita atenção agora. Esta anastomose é complicada, há risco de deiscência. O melhor a se fazer é...

Foi quando foi silenciado por um toque de celular. Tocava na sala o Minueto de Mozart. O jovem cirurgião mal podia acreditar. Era o seu celular. A tensão crescia na sala. O Professor não conseguia esconder sua impaciência:

- A quem pertence o celular?- indagou o irritado Professor.

Calou-se. Não podia confessar o crime, pondo em risco sua tão batalhada posição. Não se conformava. Como poderia ter sido tão estúpido a ponto de esquecer o aparelho ligado? Logo ele, que possuía aversão a celulares! Sempre criticava os esquecidos que perturbavam a todos com seus celulares escandalosos durante aulas, reuniões, sessões de cinema. Agora, ele próprio, o arauto da discórdia! Sabia que quem chamava era sua mãe... ela ficara de ligar para combinar o almoço de domingo!

Diante da negativa de todos, o enfermeiro se dirigiu à gaveta em que se guardavam os telefones de toda a

equipe. O jovem cirurgião começou a suar frio. Bradicardia. Ao aproximar-se a mão da gaveta destinada, o celular se calou. Respirou aliviado.

O transtornado Professor prosseguiu a cirurgia, finalizando-a sem um arfar sequer.

No conforto médico não se falava em outra coisa. Quando o crítico Professor se foi, o caso virou até anedota. Chegaram a organizar um bolão acerca do proprietário do famigerado aparelho. O jovem cirurgião decidiu ir para casa. Caminhando em direção à estação do metrô, ia digerindo a ideia de ter passado tão perto da ruína. Nes-

se momento foi abordado pelo solícito Professor, que lhe ofereceu uma carona. Ambicioso que era, aprendera desde cedo que caronas dessas não se nega, mesmo que na direção errada. No caminho conversaram sobre trivialidades, riram, criticaram o governo e a seleção. Desceu do carro e agradeceu. Nada mui-

to exagerado. Entrando em seu prédio, lembrou-se de ligar para sua mãe e confirmar o tal almoço de domingo. Procurou o celular no bolso, mas não o encontrou. No outro, nos outros... nada. Nada em sua maleta, nada em seu avental. Quedou-se paralisado com a constatação: deixara o celular no carro. Desceu dois lances de escada em um passo. Correu para a rua, ainda atordoado sobre o que fazer. Desesperado, olhou para os lados, perdido em sua própria desgraça. Quando sua mãe tornaria a ligar? Conhecía um semáforo próximo, demorado. Única chance, única solução. Disparou. A maleta girando em uma mão, o avental esvoaçante sobre o ombro. Cedo ou tarde sua mãe ligaria novamente. O Minueto certamente o entregaria. Maldito Mozart. Maldito celular. Maldito almoço de domingo.

Avistou o carro parado no semáforo. Interceptou o confuso Professor, que estacionou ao meio-fio. O jovem cirurgião vasculhava desesperadamente o veículo quando ouviu algo: era o Minueto. Não respirava. Olhou para o Professor que, estranhamente, procurava por algo em seus bolsos. Retirou de um deles um aparelho celular muito caro, que chamava. Tocava o Minueto. Embaraçado, o Professor atendeu:

- Alô?! Sim, querida, sou eu... eu sei, às oito. Está bem. Um beijo.

Embaixo de seu assento, encontrou o celular. A bateria tinha acabado.

CAPA - POLÊMICA

Exame de Habilitação em medicina: quanto valerá nosso diploma?

Carlos Henrique dos Anjos (90)

Gerson Sobrinho Salvador (89)

Simone Rocha Figueredo (92)

Um dos temas mais polêmicos atualmente no meio médico diz respeito diretamente aos estudantes de medicina. Discute-se a instituição de um exame no final do curso, pelo qual teríamos que passar para obtermos o registro profissional, a carteirinha do CRM, um número em um carimbo e, enfim, tudo o que isso significa: a permissão para exercermos a medicina.

Apresentamos nesse texto o assunto, as principais polêmicas em torno dele, um breve histórico, justificativas dadas e argumentos contrários a sua implementação. Temos a intenção de contextualizar a questão mas não aspiramos aqui à imparcialidade.

Reproduzimos também dois textos de professores da Casa, publicados na Folha de São Paulo, com posições claras sobre o assunto.

Para além da discussão:

os projetos já apresentados

Os nomes dados a essa mesma proposta são muitos; a depender da entidade que propõe o exame ele pode ser chamado de exame de habilitação, exame de certificação, exame de proficiência, exame de ordem. Também as investidas para sua implementação se dão em diferentes campos: existem dois projetos de lei (PL's) em tramitação no Congresso Nacional - um no Senado, de autoria do senador Tião Viana do PT-AC (PL n.º 217) e um na Câmara, do deputado Elimar Damasceno do PRONA-SP (PL n.º 4342) - e temos, ainda, "o primeiro exame de habilitação dos recém-formados em Medicina nas escolas médicas paulistas", a ser realizado esse ano pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP) com caráter experimental e opcional e cujas inscrições já estão abertas.

As justificativas

O Senador Tião Viana, na justificativa que apresenta para seu projeto cita diversos problemas: "as sérias deficiências do ensino médico brasileiro, admitidas por todos os especialistas na matéria" que redundam na observação prática de que "boa parte de nossos formandos demonstra deficiência em aspectos elementares do conhecimento aplicado e até mesmo em habilidades médicas, como também não tem o do-

mínio dos princípios básicos do manejo de pacientes e nem os valoriza". Ainda no campo da deficiência da formação, o senador lembra do "descompasso das escolas brasileiras de Medicina no processo de incorporação racional da tecnologia disponível, tanto em relação às novas tecnologias como também em relação a procedimentos diagnósticos e terapêuticos tradicionais e de baixo custo".

Outra justificativa apresentada pelo senador é o fato de que "foram concedidas autorizações de funcionamento para inúmeras escolas médicas particulares sem critérios rígidos e bem definidos e, o mais grave, sem a devida fiscalização". Ainda segundo o senador, "essa plethora de novas escolas e de novos médicos que elas lançam no mercado - mais de oito mil por ano - atua justamente nas regiões em que o número de escolas e médicos já é bastante suficiente".

O CREMESP não argumenta, para a realização do seu exame, em sentido diferente. Em matéria publicada em seu jornal no final do ano passado³, o então presidente da entidade, Clóvis Francisco Constantino, afirma que "a abertura de escolas médicas tem forte impacto sobre a Medicina", lembra que "não há vagas suficientes na Residência Médica, o meio mais adequado de garantir o necessário treinamento médico" e que, portanto, "o exame de qualificação deve garantir uma condição mínima para a concessão do registro profissional ao

jovem médico". Para demonstrar a baixa qualidade dos médicos formados, o Conselho apresenta dados que mostram o aumento do número de denúncias contra médicos nessa entidade, que deve fiscalizar o exercício profissional.

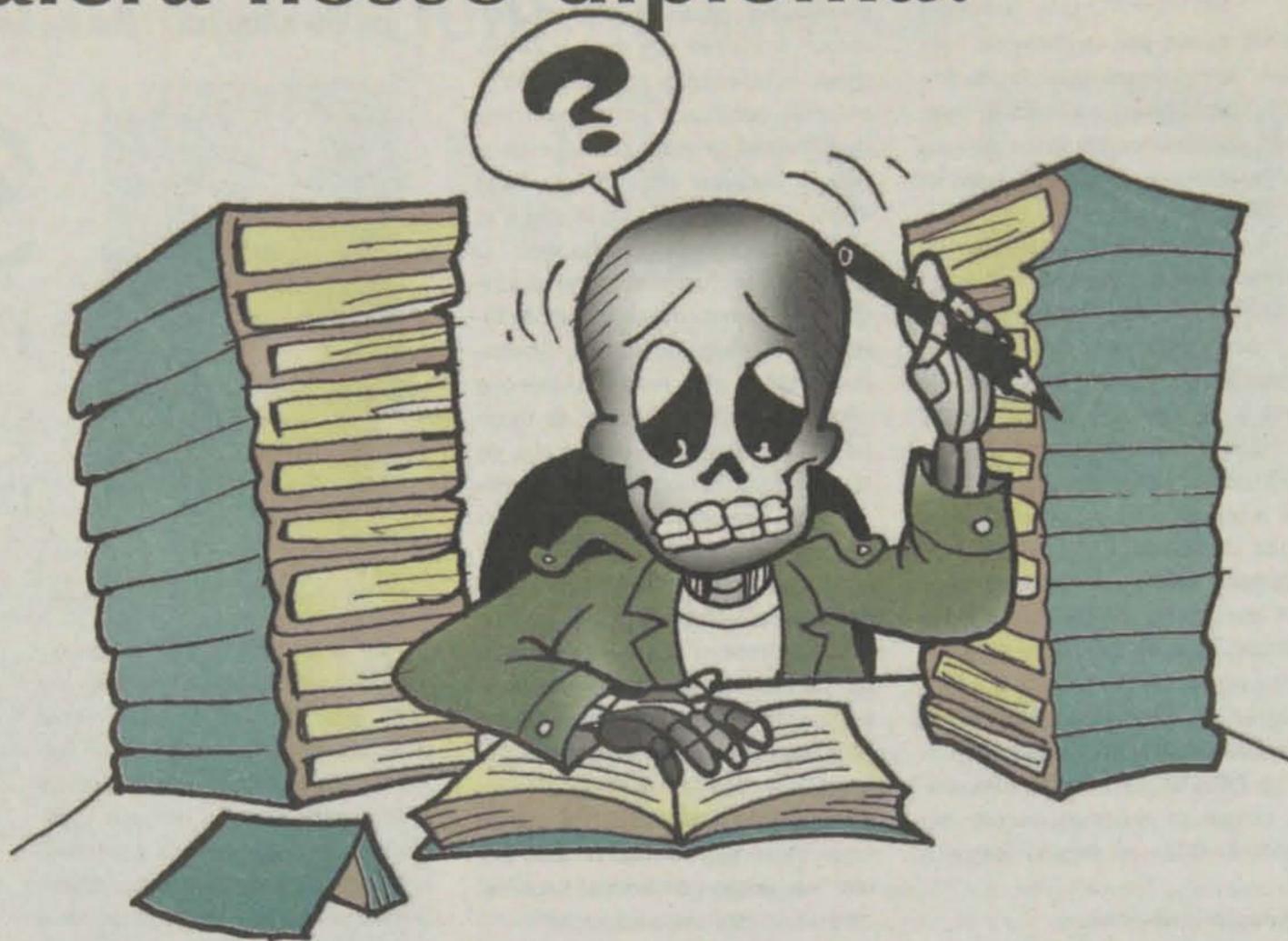
Breve histórico da proposta, reações suscitadas e contra-argumentações

Mas, se a primeira vista as propostas parecem inovadoras, não é de agora que se pensa em construir essa avaliação. No início da década de 1990 o mesmo CREMESP propôs um "Exame de Ordem", iniciativa que foi francamente desestimulada por diversas entidades médicas ligadas a Universidade e, principalmente, pela DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina) e pela ABEM (Associação Brasileira de Educação Médica). Essas entidades se opunham a uma prova no final do curso por considerarem que ela teria um potencial transformador nulo, já que avaliaria somente características cognitivas, e pela percepção de que nada haveria por ser feito por aqueles "mal formados", que receberiam o certificado da sua faculdade, mas não poderiam exercer a medicina. Levantou-se ainda a grande possibilidade do perverso efeito de, sendo uma prova terminal mais ameaçadora que o exame de residência, retirar os estudantes de suas atividades do internato, fase do curso em que mais desenvolvem ha-

bilidades e competências para se prepararem para esse exame, como já ocorre nos cursos de direito. Será que esse exame ajudaria a formar melhores ou piores profissionais?

Outras questões são levantadas: será que as instituições formadoras não deveriam também ser avaliadas? Será que essa avaliação não poderia ser permanente apontando para as escolas suas falhas e em que pontos deveriam avançar? Com a criação de uma nova categoria de "bacharel em Medicina" que não poderia exercer legalmente a profissão, será que esses praticariam o exercício ilegal da Medicina? Ou trabalhariam para médicos registrados que poderiam carimbar as prescrições no lugar deles, contribuindo para um maior descrédito do médico na sociedade? E, ainda, qual seria a clientela desses "médicos"?

Assim, como a crítica era centrada na avaliação proposta - e não ao mérito e à necessidade de avaliação da formação de médicos no Brasil -, um conjunto de onze entidades criou a Comissão Interinstitucional de Avaliação do Ensino Médico (CINAEM) que, durante toda a década passada, avaliou as escolas médicas segundo as estruturas de ensino, a gestão, a capacitação dos professores e os estudantes. Os resultados da CINAEM



CAPA - POLÊMICA



apontaram inadequações em todo o modelo de formação mas, no momento de aplicação das transformações, essa comissão

acabou ruindo por conflitos de interesses dentro do colegiado tendo deixado, apesar disso, um fruto: as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Medicina, aprovada como lei em 2002⁴

E, com relação ao aumento do número de denúncias de erro médico ao CREMESP, a "prova" de que o ensino médico estaria se deteriorando, analisando os números dados mais de perto o que temos é que em 1991 o CREMESP recebeu 906 denúncias, em 2000 foram 2139 (aumento de 136%). Mas a relação que o Conselho faz é pouco científica. É possível que as denúncias tenham aumentado também por ampliação do acesso à comunicação, e ao exercício da cidadania pós-ditadura militar e Constituição de 1988. Essa hipótese é reforçada pelo número de denúncias no PROCON-SP que recebeu entre consultas e denúncias um aumento de 132% na mesma época⁵.

Inspiração equivocada:**o exemplo do exame da OAB**

Tanto o CREMESP quanto os parlamentares autores dos projetos de lei apresentam a experiência do Exame da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) como modelo; a entidade foi, inclusive, uma das convidadas a participar de um simpósio promovido no dia 28 de outubro pelo CREMESP para discutir a questão.

No entanto, o que vemos é que a abertura de faculdades escolas de direito aumentou muito depois do estabelecimento da prova, algumas sem nenhuma capacidade de manter um curso de qualidade; vemos uma grande flutuação nos índices de aprovados nas provas, sugerindo que a entidade pode aumentar ou diminuir o nível da prova a fim de limitar a quantidade de advogados que entram no mercado (fazendo, então, uma reserva de mercado); vemos a proliferação de cursinhos preparatórios para o exame, alguns dos quais acabaram por se tornar faculdades de direito.

E, para além desses problemas em aceitar tal exame como modelo,

não podemos comparar cursos tão distintos quanto o Direito e a Medicina já que a formação desses profissionais "segue caminhos, em tudo, distintos. As faculdades de direito não formam advogados, nem juizes ou promotores, mas, única e simplesmente, bacharéis em direito. O graduado em Direito, a princípio, não se encontra habilitado para o exercício de nenhuma carreira jurídica específica. O bacharel adquire uma visão ampla e genérica sobre o Direito e as instituições jurídicas, nada mais. O exercício das chamadas carreiras jurídicas, tais como Advogado, Juiz de Direito, Procurador de Justiça, Delegado de Polícia, etc., exige aptidões que não se adquirem nos cursos de Direito. Daí a necessidade das escolas de magistratura, de formação de Promotores de Justiça, Academias de Polícia, entre outras. O mesmo não ocorre com as escolas de Medicina. Destinadas ao ensino profissional, tais escolas conferem o diploma de médicos aos seus formandos. Atestam, portanto, a aptidão técnico-científica e a competência profissional daqueles que lança no mundo de trabalho, conferindo ao seu portador um certificado de capacitação profissional, emitido por uma instituição educacional fiscalizada pelo Ministério da Educação"⁶

Uma avaliação necessária

O diagnóstico do problema está dado e sua existência é um consenso. Não pretendemos dizer que vai tudo bem com a educação médica em São Paulo e no Brasil. É necessária a construção de um instrumento de avaliação que possa averiguar o conhecimento, habilidades e atitudes dos estudantes, mas que também responsabilize as instituições formadoras, que deveriam ter plenas condições para uma formação ética, sólida, completa, ou deveriam ser extintas.

Mas, mais importante, qualquer iniciativa que vise defender o interesse da sociedade (como o CREMESP e os parlamentares justificam suas propostas), deve, claramente, ser acompanhada de debates com todos os interessados: os médicos e profissionais da saúde, professores, estudantes, ministérios e secretarias de Educação e Saúde, Conselhos Municipais, estaduais e nacional de saúde e das diversas entidades que se organizam em torno da saúde e da educação.

TENDÊNCIAS E DEBATES

Leia as opiniões dos professores José Aristodemo Pinotti e Giovanni Guido Cerri, dessa Casa, também publicados na Folha de São Paulo em 31/07/2004.



José Aristodemo Pinotti

SIM

Protegendo pacientes e médicos

A única crítica que fiz ao projeto do ministro Paulo Renato foi a da timidez de não avançar para o exame de Estado, que significa a proteção que o governo tem obrigação de dar aos cidadãos, garantindo-lhes profissionais competentes em áreas essenciais -entre as quais a principal é a saúde. Quase todos os países desenvolvidos já o praticam com muita seriedade. Em vários deles a permissão do exercício da medicina é renovada periodicamente e um exame é realizado especificamente para a prática da maioria das especialidades.

Esses cuidados têm também sua razão de ser na constante renovação dos conhecimentos da medicina. Perdemos 30% do nosso saber a cada cinco anos. Às vezes, fico imaginando que, se tivesse um longo sono de 20 anos e acordasse agora, estaria totalmente inabilitado para exercer minha especialidade. Por isso, além das avaliações, deve-se pensar nas estratégias de atualização e educação continuada, papel adicional e relevante das universidades.

No Brasil, qualquer médico que se gradua em qualquer faculdade de medicina pode exercer qualquer especialidade, na cidade que for, pelo tempo que quiser. Felizmente, a lei moral, que cada médico traz dentro de si, a ética ensinada pelos mais velhos, a responsabilidade que a vocação acarreta e as sociedades de especialidades, ao conferirem títulos mediante exames, têm, de alguma forma, substituído precariamente o papel do Estado -que, há muito tempo, de comum acor-

do com a Associação Médica Brasileira e o Conselho Federal de Medicina, já deveria estar estudando e propondo a implantação gradual e a oficialização desse tipo de avaliação.

A ausência do exame de Estado e a precária exigência dos títulos de especialistas permitem critérios aleatórios e oportunistas de credenciamento e descredenciamento de médicos pelos planos de saúde, que atendem 40 milhões de brasileiros. Sofrem médicos bons e pacientes incautos.

A Agência Nacional de Saúde não criou tampouco regras para o descredenciamento, que deveria ocorrer somente para os profissionais que não seguissem os protocolos das diferentes sociedades de especialidade, baseados na Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos, ou que infringissem a ética profissional e não se atualizassem.

Não quero parecer reducionista, colocando a ausência do exame de Estado e suas variantes como a única causa do caos instalado na saúde brasileira. Ele tem muitas origens: privatização acrítica desde o início dos anos 90; recentralização do SUS, que existe quase perfeito na Constituição, mas, na prática, é uma caricatura dele mesmo; incompetência da Agência Nacional de Saúde para mediar o setor privado; uso político da saúde; modelo arcaico de organização; falta de valorização dos recursos humanos, que enfrentam enormes dificuldades também em razão da precariedade do ensino médico na maioria das escolas e pela ausência de avaliação dos profissionais, que começa (e termina) com um vestibular -vestibular esse que mede apenas a capacidade dos pais de pagarem cursinho para os

1- Disponível em www.camara.gov.br e www.senado.gov.br.

2 - <http://www.proteja-se.org.br/?siteAcao=Ultimasnoticias&id=42> ("Proteja-se" é uma campanha de diferentes entidades médicas contra a abertura de novas escolas médicas. Os responsáveis por esses sites são conselheiros do CREMESP)

3 - Edição 207 - Novembro/2004 - Jornal do Cremesp

4 - As diretrizes curriculares para o curso de medicina podem ser encontradas no site do Ministério da Educação: www.mec.gov.br

5 - Fonte: www.procon.sp.gov.br

6 - Trecho extraído de carta da Direção Executiva-Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), em que justifica seu posicionamento contrário a realização do Exame.

Os médicos recém-formados devem passar por um exame de ordem ou similar?



Giovanni Guido Cerri

filhos, em vez de analisar aptidões, vocação e outras características essenciais ao exercício da profissão. Tudo isso culmina com a ausência do exame de Estado.

Para ser médico e exercer a profissão no Brasil, não é exagero dizer, basta passar no vestibular. Não há reprovação nas escolas e o Estado não cumpre seu papel preventivo de proteger o cidadão contra os profissionais mal preparados.

Esse é um problema que podemos corrigir. Sua solução não depende de recursos, mas de um diálogo franco com as instituições de classe, com os profissionais e com a sociedade, além de coragem para implementar uma política de avaliação justa, porém necessária, para proteger os usuários e os próprios médicos. Médicos que, com certeza, estarão de acordo, mas que precisam de condições de trabalho e de estudo para se atualizar continuamente e fazer o que mais desejam: agir com precisão, modernidade e solidariedade nesse momento quase divino que é o ato médico, o encontro de quem sofre, está inseguro e doente com quem detém os instrumentos do saber para aliviar o sofrimento, a insegurança e, muitas vezes, curar doentes e prevenir doenças.

José Aristodemo Pinotti, 69, deputado federal pelo PFL-SP, é professor titular de ginecologia da USP e presidente do Instituto Metropolitano de Altos Estudos. Foi secretário da Educação (1986-87) e da Saúde (1987-91) do Estado de São Paulo, secretário da Saúde do município de São Paulo (2000) e reitor da Unicamp (1982-1986).

Implantar um exame para avaliação dos médicos formados, similar ao da OAB, não é a solução para o problema que há muito vem sendo denunciado por quem se preocupa com a situação do ensino médico e da saúde no país. A realidade todos conhecem: excesso de escolas médicas, com baixo nível de qualificação, má distribuição da rede de ensino e concentração de profissionais nas regiões Sul e Sudeste. Não me cabe analisar a estrutura do direito no país nem julgar se o exame da OAB foi a melhor solução para os profissionais da área.

Formar um médico exige uma preparação diferenciada para salvar vidas. A começar pelo seu vestibular e duração do processo de sua formação, exige-se do estudante dedicação exclusiva durante o curso, com bons professores, atividades práticas, treinamento em serviço, aprendizado junto ao paciente, bibliotecas e muito estudo. Concluído o período de seis anos, o médico tem de se submeter a um programa de residência médica de, no mínimo, mais dois anos, além de participar de um processo contínuo de atualização, que envolve a participação em eventos, exaustivos plantões e atendimento nos serviços de emergência e pronto-socorro.

Uma escola médica sempre deve estar ligada a um hospital cuja filosofia de trabalho priorize o ensino e o atendimento, sem abrir mão do princípio da qualidade e do respeito ao paciente.

Em todo o país, dos 116 cursos de medicina, 27 são mantidos pelo poder público e estão ligados a hospitais públicos, outros cursos estão ligados a hospitais filantrópicos e entidades que

NÃO Exame só ataca o sintoma



atendem as camadas de baixa renda, nos quais se apóiam para programas de ensino médico e oferecem atendimento de qualidade. Mas a maioria não possui hospital universitário próprio.

A medicina é uma ciência dinâmica e vive um processo contínuo de atualização, de descobertas, de pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias. Acompanhar o seu desenvolvimento nas últimas décadas é tarefa que exige tenacidade. A prevenção, a profilaxia, a evolução da técnica cirúrgica, os métodos diagnósticos, as cirurgias minimamente invasivas trouxeram uma nova realidade para a conduta do médico. Por isso, o ensino médico na atualidade exige grandes investimentos, não só materiais, mas no homem.

Hoje o Brasil disponibiliza, em 127 escolas em funcionamento, mais de 10 mil vagas, das quais 70% nas regiões Sul e Sudeste. Algumas dessas escolas abrem as inscrições para o vestibular sem ao menos terem o reconhecimento aprovado e criam um fato consumado. Ao sabor de lobbies poderosos, vão quebrando resistências e o curso se institui. Exigências elementares, como um corpo docente graduado e preparado ou um hospital para treinamento dos acadêmicos, ficam só no pedido original. Falar em exame para médicos é esquecer a causa da doença e tratar o sintoma. Não adianta punir o aluno e continuar premiando instituições que só visam lucro ou que oferecem ensino de má qualidade. Se existe uma situação de falência na formação do médico, o culpado não é o acadêmico, mas a estrutura por trás de sua formação.

Para atender a políticas equivocadas, permitiu-se a abertura indiscriminada de escolas médicas em todo o país, sem preocupações com a qualidade, e, apesar do empenho das entidades médicas, as iniciativas visando coibir ou melhorar esse quadro de

ineficiência não encontram amparo no poder público.

Um exame de ordem dos médicos pode criar um imenso contingente de 'bacharéis' para os quais foram feitos altíssimos investimentos, mas impedidos de exercer sua profissão. Ou, por outro lado, gerará uma imensa rede de 'cursinhos preparatórios' para aprová-los, sem nenhuma garantia de que o profissional esteja realmente habilitado.

É preciso criar instrumentos de avaliação e fiscalização das escolas médicas, estabelecendo metas e padrões rigorosos a serem cumpridos, responsabilizando-as pela qualidade dos profissionais que diplomam e colocam no mercado. É preciso, também, que se imponham exigências para oferecer condições de aprendizado a todos que cursam escolas médicas, como forma de evitar que, na busca de um ensino adequado, o médico seja obrigado a deixar sua cidade, engrossando a estatística de mão-de-obra desempregada nas grandes capitais. Após um vestibular difícil, anos de dedicação exclusiva em um curso de medicina, uma disputada prova de residência para a realização de uma especialização, não é justo que apenas uma prova venha decidir se ele pode ou não exercer a sua profissão de médico.

O papel do médico é salvar vidas, e não se transformar no alvo de processos judiciais por imperícia ou incompetência, resultante muitas vezes de cursos deficientes, pela omissão de um controle adequado de sua infra-estrutura de ensino ou por uma política educacional equivocada que prioriza a quantidade, e não a qualidade.

Giovanni Guido Cerri, 50, é diretor da Faculdade de Medicina da USP e presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas.

**Saiba como foi o EREM
São Paulo que abordou o
tema "As raízes da saúde
e a saúde das raízes"**



Final da mística com confraternização dos "atores", comissão organizadora e platéia

As raízes da saúde e o estudante

O EREM abordou a origem de diferentes concepções de saúde, tanto a concepção hegemônica que nos é ensinada na academia, quanto outras referentes a culturas e etnias marginais no mundo ocidental

*Ciro Matsui Junior
CAOC - COEREM*

A Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) realiza todos os anos três importantes eventos, o Congresso Brasileiro (COBREM), o Encontro Regional (EREM) e o Encontro Científico (ECEM). O primeiro se propõe a realizar o planejamento anual da DENEM. O segundo, ser um espaço de acolhimento e preparação para o encontro nacional. Já o terceiro, o ECEM, que é o encontro nacional, debater as questões fundamentais para o movimento estudantil de medicina, sendo o maior de todos os encontros.

Nesse ano de 2005, os Centros Acadêmicos da UNIFESP, UNISA e USP decidiram organizar o EREM na cidade de São Paulo. O encontro ocorreu entre os dias 21 e 24 de Abril no Centro Educacional Unificado (CEU) do Campo Limpo. O tema escolhido foi "As raízes da saúde e a saúde das raízes". Parti-

ciparam estudantes da regional sul 2 da DENEM, São Paulo e Paraná, estando cerca de vinte escolas presentes.

A proposta da comissão organizadora foi de realizar um encontro diferente dos que ocorreram nos anos anteriores. Para tanto, o EREM teve quatro dias de duração, de modo que o amplo tema pudesse ser abordado da melhor forma. Isso possibilitou maior integração nos espaços informais e durante as atividades programadas. O próprio local do evento, o CEU Campo Limpo, que é aberto ao público, foi escolhido visando ao contato do estudante com a comunidade.

Infelizmente a opção por fazer o EREM em quatro dias o levou a acontecer na mesma data das competições de calouros, calomed e intercalo, em que a interação entre os estudantes se dá de outra forma.

"As raízes da saúde e a saúde das raízes" buscou a origem de diferentes concepções de saúde, tanto a concepção hegemônica que nos é ensinada na academia, quanto outras referentes a culturas e etnias marginais no mundo ocidental. Além disso retomou a discussão da construção do sistema de saúde brasileiro, analisando como ele se encontra no atual momento histórico.

Dentre as atividades realizadas, merecem destaque a mística, a mesa de abertura, os motirôs e as vivências.



Na mística, uma encenação sem falas, foram representados os negros, brancos, indígenas e orientais realizando suas práticas "medicinais" tradicionais. Todo o processo de migração dos povos para o Brasil e como eles foram incorporados ao proletariado também se desenrolou no palco do belíssimo teatro do CEU. Por fim a mercantilização e automatismo da saúde foram mostrados, culminando na reforma sanitária.

A mesa de abertura contou com a professora de antropologia Cynthia Andersen, da UNIFESP, e com o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio. A professora fez uma análi-

se da formação médica, baseada no chamado modelo flexneriano, inspirado no relatório Flexner, realizado no início do século XX, de forte influência cientificista, positivista e cartesiana. Já Plínio elucidou a importância da saúde para o povo brasileiro e qual o significado da figura médico nesse contexto. Citou também o famoso livro de Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, o qual diz ser o Brasil uma cópia da Europa realizada nos trópicos; tendo concluído Plínio que o processo da reforma sanitária foi fundamental para a criação de um modelo de saúde que refletisse a real necessidade do brasileiro.



Mesa de abertura que contou com a professora de antropologia Cynthia Andersen da UNIFESP (na foto), e com o ex-deputado federal Plínio de Arruda Sampaio



Mística que deu boas vindas aos participantes e apresentou o tema "As raízes da saúde e a saúde das raízes"

e de medicina



Desfile dos Quilombolas de EREM com clarim e roda samba

Os motirôs, que em tupi-guarani significa grupo de pessoas reunidas para plantar/construir algo de bom, eram pequenos grupos em que foram discutidos os temas com os quais os participantes se depararam e as atividades por eles realizadas, visando à integração e reflexão coletiva. Outras atividades desenvolvidas foram as vivências, nas quais o estudante de medicina pode ter contato com realidades e concepções de saúde e educação diferentes das que ele tem contato na academia. Dentre os locais visitados estavam uma aldeia indígena, uma ocupação de moradores sem teto,

uma casa de parto, um assentamento do MST, a escola nacional "Florestan Fernandes" do MST, o museu do imigrante. Todas pretenderam que o participante vivenciasse a busca pelas raízes.

Um dos objetivos do encontro foi quebrar alguns paradigmas, como o da formação médica, mostrando alternativas ao modelo hegemônico de medicina e ao academicismo da universidade brasileira. Além disso, situar o estudante quanto seu papel de agente histórico, mostrando a ele que saúde não é um processo acabado, mas que está em construção, e cabe a ele participar dela enquanto médico e enquanto cidadão.

A efetiva participação de todos os estudantes foi uma das principais conquistas do EREM. As críticas, todas positivas, atestam o objetivo alcançado de se construir um encontro diferente. Esperamos que esse modelo possa ser seguido para os demais encontros realizados pela DENEM. Lembrando que o próximo será o ECEM, a ser realizado em São Luís do Maranhão entre os dias 23 e 29 de julho, estando as inscrições abertas no CAOC.

Cultura



Noitão e Odisséia para os cinéfilos da capital

Rafael Casali Ribeiro

Noitão do Cine Belas Artes

Atenção cinéfilos insones de plantão! Toda segunda sexta-feira de cada mês o HSBC Belas Artes promove o seu Noitão. Pelo preço de uma entrada (ou meia-entrada para nós, agraciados estudantes) os amantes da película passam a noite em claro, ou melhor, no escurinho do cinema... e assistem a três filmes com uma temática em comum, sendo que o último é sempre surpresa ulalá! Os sobreviventes, zumbis e semi-acordados que resistirem até o amanhecer ganham café-da-manhã e concorrem a prêmios que variam entre convites para o HSBC Belas Artes, livros e DVDs. O próximo noitão ocorrerá no começo de agosto. Mas aguardem, pois os títulos só são divulgados poucos dias antes do Noitão.

- **O QUÊ:** Noitão do cine Belas Artes
- **QUANDO:** primeira ou segunda sexta-feira do mês
- **ONDE:** HSBC Belas Artes (r. da Consolação, 2.423 - Consolação - Tel.: 3258-4092)
- **QUANTO:** R\$ 15 a inteira / R\$7,50 meia-entrada (dá direito a ver os três filmes e a café da manhã após a maratona)

Cinema e Balada!

Odisséia de Cinema no Espaço Unibanco

Seguindo a trilha do sucesso do Noitão HSBC Belas Artes, O Espaço Unibanco de Cinema, em com a Rain Network Digital, lançou a Odisséia de Cinema. Trata-se de um evento mensal que reúne cinema, balada e shows durante toda a madrugada. Serão exibidos três filmes em cada uma das duas salas que vão exibir a programação uma pré-estréia, um filme-surpresa e uma sessão cult, que também poderá ser trash -, com direito a café da manhã e degustação de bebidas (caipirinha de vodka com suco de frutas ou água de coco). A primeira edição, ocorrida no dia 29 de abril, teve grande sucesso, e as edições experimentais se prolongarão até julho, pelo menos. A Odisséia de Cinema ocorre nas últimas sextas-feiras de cada mês.

- **O QUÊ:** Odisséia de Cinema no Espaço Unibanco
- **QUANDO:** em geral última sexta-feira do mês, às 23:30
- **ONDE:** Espaço Unibanco (Rua Augusta, 1.475, Cerqueira César, 3288-6780)
- **QUANTO:** R\$ 13 a inteira / R\$6,50 meia-entrada (dá direito a ver os três filmes, a balada, o show, e a café da manhã após a maratona).

Melhor Técnica
Especial
Melhor Especial Espaço
R. da Consolação, 2625 - S. Paulo
TEL: (11) 3081 6693 / 3085 3571
www.melhotipologia.net

Oculos não é só um objeto de correção visual. Ela PODE e DEVE ser um ornamento que corrige sua visão, com técnica associada a estética

USP PÚBLICA? MAS COMO?



Universidades estaduais conseguem aumento do financiamento após anos de luta

Ciro Matsui Junior
CAOC - DCE

Todos sabemos da situação calamitosa do ensino público brasileiro. O número de vagas insuficiente, a falta de estrutura, professores mal remunerados, fora o modelo de ensino arcaico. Esses problemas são encontrados em todos os níveis, fundamental, médio e superior. As universidades estaduais paulistas, não são exceção a esses problemas.

Expansão irresponsável de vagas, diminuição do número de professores por aluno, assistência estudantil precária, são apenas alguns dos reflexos do descaso com a educação e do financiamento insuficiente. Vide a abertura das chamadas unidades "diferenciadas" da UNESP, presentes em sete cidades do interior (Dracena, Sorocaba, Registro, etc), onde os cursos foram inaugurados sem que existissem ao menos prédios para abrigá-los. Na USP há o novo campus na zona leste de São Paulo, onde biblioteca, laboratórios e moradia estudantil ou são improvisados ou não existem.

Outra conseqüência da falta de financiamento público, mais sutil que as demais, porém também problemática, é a presença das chamadas fundações de apoio. Por meio delas o interesse privado adentra na universidade pública, influenciando em suas decisões e prioridades. É o caso da FMUSP, onde aparentemente não faltam recursos para seu funcionamento. No entanto, não fosse a complementação da Fundação Faculdade de Medicina, proveniente de fon-

tes como a porta dupla, a situação não seria tão confortável.

A partir da lei que estabeleceu a autonomia das estaduais paulistas, a verba passou a ser vinculada à arrecadação de impostos, sendo que o percentual é definido anualmente na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). No entanto, quando isso ocorreu o repasse correspondia a 8% do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), apresentando uma diminuição da verba total recebida anteriormente à lei de autonomia. Calcula-se que o patamar anterior corresponderia a um valor de 11,6% do ICMS.

Desde então há uma luta constante da comunidade universitária para recuperar o patamar de 11,6%, já que LDO é uma lei anual, podendo o repasse aumentar ou diminuir de um ano para o outro.

Um conjunto de fatores fez com que esse ano a situação fosse mais favorável para a aprovação das emendas. Tais fatores são fruto das grandes mobilizações realizadas no ano passado...

No ano passado, 2004, ano de greve nas estaduais, motivada principalmente pela luta para reposição das perdas salariais, foi dada atenção especial para a aprovação da LDO de 2005, pois se vota em um ano a LDO do ano seguinte. Isso porque a USP tem cerca 86% do orçamento comprometido com a folha de pagamento de funcionários. Na UNESP e UNICAMP a situação é pior, alcançando 95%. Sendo assim, a reposição salarial fica limitada pela falta de verba da universidade.

Por esse e pelos demais motivos, seria necessário um aumento do repasse para as universidades estaduais. Tal aumento poderia ser alcançado caso fosse aprovada uma emenda que aumentasse o repasse do ICMS para 11,6%, ao invés dos 9,57% recebidos até o ano passado. Esses 9,57% que evoluíram daqueles 8% graças a mais uma década de pressionamento.

Houve uma grande mobilização

da comunidade universitária em 2004, que encheu os corredores e auditórios da Assembléia Legislativa de São Paulo. Por mais de três semanas os estudantes estavam presentes em todos as seções realizadas. Alguns estudantes da Fatec, da UNESP e da USP ficaram acampados no Parque Ibirapuera, que fica ao lado da Assembléia, pois a qualquer momento a LDO poderia ser votada, sendo necessário que durante a votação estivessem presentes para pressionar os deputados. Porém, as emendas que propunham aumento do repasse para educação foram derrotas em votação.

Neste ano de 2005, mesmo não havendo greve, estudantes, professores e funcionários novamente se organizaram para acompanhar a votação da LDO de 2006. Durante as audiências públicas que precedem a votação da lei, propusemos emendas para que o repasse do ICMS para as universidades estaduais aumentasse de 9,57% para 10%, além de garantir 1% do ICMS para o Centro Paula Souza (ETEs e Fatecs). Para que o ensino fundamental e médio não fossem prejudicados, propôs-se também aumento do percentual mínimo de gastos de 30 para 31%.

Um conjunto de fatores fez com que esse ano a situação fosse mais favorável para a aprovação das emendas. Tais fatores são fruto das grandes mobilizações realizadas no ano passado, mostrando que todo o esforço gerou resultados positivos. Um deles foi a negociação dos reitores das estaduais com os deputados líderes das bancadas e com o Fórum das Seis, entidade que reúne associação de docentes, sindicato de trabalhadores e DCEs das três universidades.

Após muitas negociações e dias acompanhando as sessões na Assembléia Legislativa, finalmente as emen-

das que prevêem aumento para a educação foram aprovadas em sessão extraordinária às 23:00h do dia 07 de julho de 2005. Isso significa que o repasse do ICMS para as três universidades estaduais aumentará de 9,57% para 10%, o que representa um aumento de 300 milhões de reais; a verba destinada ao Centro Paula Souza passa a ser vinculada ao ICMS, sendo para ele destinado 1%; e que os gastos mínimos com a educação básica passaram de 30 para 31%, um aumento real de 460 milhões de reais.

Será que o aumento para atender às demandas da universidade pública pode sair da área da saúde?

Muitos podem se perguntar de onde virá esse dinheiro, uma vez que apenas se ouve falar que o estado não tem verba. Será que ele pode sair da área da saúde, por exemplo, para atender às demandas da universidade pública, cuja situação não é tão precária quanto da saúde? Esse tipo de questão é relevante. Porém, todos os anos há uma "sobra" da receita estadual que não está vinculada a nenhum serviço básico, nem educação, nem saúde, que pode ser utilizada pelo governador, não existindo nenhuma garantia de que ela atenda às principais demandas sociais. Portanto, não estaremos cobrindo o pé para descobrir a cabeça.

Mesmo com esse aumento, estamos longe de alcançar as condições ideais para a universidade pública, não atingimos sequer os 11,6%. Porém, é fundamental que a luta por uma universidade pública, gratuita e de qualidade tenha um início. Para tanto, o fato de nos organizarmos é condição primordial. Por mais difícil que seja entender os tramites burocráticos da universidade e do estado e estudar para as provas de final de semestre, essa é uma tarefa que depende essencialmente do estudante, como parte da universidade e como cidadão.

REUNIÃO DO CONSELHO

Leia o depoimento da Representante Discente (RD) da Patologia sobre o que tem acontecido nesse departamento

Depoimento aos alunos da FMUSP

*Ruth Neves Dos Santos,
Representante Discente no
Departamento de Patologia*

*ezados Colegas
Faculdade*

Venho por meio deste, fazer-vos ciência dos acontecimentos e fatos registrados nas duas ultimas reuniões do Conselho, no qual eu sou a Vossa RD.

Na reunião do dia 10/03/05 foi discutido o afastamento temporário da Profa. Vera Capelozzi da coordenação da Disciplina de Patologia Respiratório, por motivo que é de conhecimento notório. Nessa reunião, após a leitura da carta (enviada aos alunos em 09/03/05) foi tratada indignamente pelo Prof. Sérgio Rosemberg, que desviou o foco da matéria em pauta, para atacar a minha pessoa, e me deixar numa condição de irresponsável e antiética (página 8 da Ata da reunião).

Na ocasião, o Prof. Sérgio disse quem seria eu [Ruth] para falar em ética uma vez que tinha faltado a prova da matéria dele, neuropatologia, por quatro vezes, para ir a congressos e viajar. Naquele momento, não pude me explicar, porque o professor se encontrava demasiadamente alterado e, além disso, esse não era o assunto em pauta e, no conselho, eu sou a Representante dos Alunos e não o individuo que faltou prova e que teve seus motivos não considerados.

Já não bastasse ter se referido a mim como uma aluna irresponsável, o Prof. Sérgio Rosemberg alegou que eu só teria passado porque "dois emissários" se ajoelharam perante ele e por isso teria me dado a oportunidade de passar. Cabe-me agora esclarecer tais fatos, para que todos tomem ciência da verdade e, portanto, da injustiça promovida pelo Prof. Sérgio Rosemberg contra mim e o desrespeito aos alunos através da sua representante.

Em novembro de 2003, eu e mais três colegas de turma fomos a um congresso de imunopatologia em Florianópolis e por isso não fizemos a prova na data prevista no cronograma do curso. Na mesma ocasião solicitamos através da secretaria da Graduação uma nova avaliação, mas até o início das férias em 11 de dezembro de 2003 não nos havia sido dada uma resposta. No dia 06 de janeiro de 2004, em pleno período de férias, o prof. Sérgio mandou a Secretaria da patologia nos convocar para uma avaliação totalmente irregular, uma vez que o Estatuto da USP proíbe a marcação de provas no período de férias

Sem me apegar ao fato de que tal data era irregular para realização de prova, teria estado presente a tal avaliação, se não estivesse fora do país, visitando meus familiares em Cabo Verde, o que só posso fazer uma vez por ano, durante as férias. O Prof. Sérgio Rosemberg disse às minhas colegas que era uma grande irresponsabilidade ter faltado à prova, primeiramente, para ir participar em congresso e que por essa segunda ausência eu já estaria reprovada. Como avaliação, o Prof. Rosemberg pediu que as três alunas fizessem cada uma, uma monografia sobre um tema que lhas deu e recusou-se a enviar-me o meu tema para que eu fizesse o trabalho onde eu me encontrava.

Em fevereiro de 2004, na volta as aulas, procurei o Prof. Sérgio Rosemberg para conversar e pedir-lhe uma oportunidade de ser avaliada. No dia em que finalmente consegui falar com ele, o Professor Rosemberg disse-me que estava muito ocupado e que não me daria outra avaliação, pois fora falta de responsabilidade minha ter faltado à prova.

Fui então à Graduação, onde fiz um requerimento ao Presidente da Graduação, solicitando uma avaliação

na matéria uma vez que ficaria com dependência na disciplina de Patologias Especiais, por causa do módulo neuro, uma vez que tinha sido aprovada em todas as outras patologias.

Infelizmente, meu requerimento foi indeferido, conversei com o meu tutor o Prof. Dr. Augusto Scalabrinni que me orientou a procurar o Prof. Milton de Arruda Martins. O Prof. Milton desconhecia tal indeferimento e disse-me que iria decidir esse assunto com o Prof. Paulo Hilário Saldiva (chefe da disciplina de patologia).

Considerando o volume de atribuições do Prof. Milton e do Prof. Saldiva, desisti desse assunto e deixei para fazer a matéria com a turma 90. Por azar, o dia da prova da turma 90, caiu numa data em que apresentei um Pôster no Simpósio Internacional da USP em Ribeirão Preto. Preocupada não fui conversar com o prof. Sérgio Rosemberg, pois já sabia da forma como ele recebe e trata mal os alunos, fui então conversar, antes de ir ao simpósio, com o prof. Saldiva. Ele me tranquilizou e me disse se fosse preciso iríamos os dois conversar com o Prof. Rosemberg.

Consegui voltar do evento antes da hora da prova que seria no horário de almoço do dia 24 de novembro de 2004. Cheguei no anfiteatro de patologia as 12:20 horas para fazer a prova, pois a colega Camila da turma 90 me tinha dito que a prova seria as 12:30. Ao chegar encontrei apenas o professor e um aluno na sala e a prova já tinha sido feita. Essa prova é realizada em 10 minutos, pois já é conhecida dos alunos, sendo que sua cópia está sempre à disposição dos alunos no xerox do CAOC.

Tentei conversar com o Prof. Sérgio no mesmo dia, ainda na sala, sendo que a Camila intercedeu em meu favor, mas, como de costume, ele foi extremamente indelicado, nem quis me ouvir, e disse, em tom de voz muito alto, que eu estaria de

marcação com ele e que, mais uma vez, eu já estava reprovada.

Foi então que procurei, o Prof. Milton, Presidente da Graduação, para que interviesse no caso, uma vez que já estaria indo para o 5º ano e não poderia ficar com tal DP. Foi por meio da intervenção do Prof. Milton e do Prof. Saldiva, aqueles emissários que se ajoelharam perante o Prof. Sérgio (conforme as palavras dele mesmo), suplicando em meu favor por uma nova avaliação, que eu e mais quatro alunos tivemos uma outra prova (uma prova escrita que realmente nos avaliou, diferente da prova que todos já conhecem).

Na última reunião (14/04/05), uma vez que não constou na Ata a parte em que ele teria dito que faltei na prova para ir a congresso e viajar, pedi que essa fosse colocada, visto que parcialmente estaria justificada as minhas faltas e porque futuramente poderei me dignar a responsabilidades maiores e tal documento me prejudicaria por me deixar numa condição de irresponsável.

Quando ao processo da profa. Verá Capelozzi ainda está em andamento. O Diretor da Faculdade escreveu uma carta ao Reitor da universidade, a quem ele solicita uma consultoria a Consultoria Jurídica da USP e abertura de uma Comissão Processante, para tal caso.

Pergunto:

A quem deve o aluno recorrer quando este tiver seus direitos negados?

O que é que se pode dizer de um Professor, que trate seus colegas como emissários de aluno?

Desde quando faltar aula ou prova por motivos justos, passou a ser antiético?

◊ Cadê o bom senso das coisas?

Deixo essas informações e as minhas questões a disposição no CAOC, para quem interessar saber, e para que não haja tendência por parte dos que se dignarem por julgar tal caso.

Quando ao processo da profa. Verá Capelozzi ainda está em andamento. O Diretor da Faculdade escreveu uma carta ao Reitor da universidade, a quem ele solicita parecer da Consultoria Jurídica da USP

O Prof. Sérgio Rosemberg disse às minhas colegas que era uma grande irresponsabilidade ter faltado à prova, primeiramente, para ir participar em congresso e que por essa segunda ausência eu já estaria reprovada

A.A.A.O.C. ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA OSWALDO CRUZ

CALOMED Ribeirão - 2005

Quem estava lá viu... Depois de alguns tropeços durante a competição, inclusive algumas derrotas consecutivas naquele mesmo sábado, a Medicina se encontrava em situação dramática na mais disputada de todas as edições da Calomed. Parecia que tudo conspirava contra nós. No ginásio, apenas torcedores de Ribeirão, que por conta de algumas vitórias inesperadas sentiam-

se donos dos jogos e, arrogantes, nos subestimavam em relação ao jogo daquela noite. Gritavam como animais, intimidando a nossa equipe desamparada. Tudo parecia perdido para a Medicina, que com moral abalada disputaria a semi do hand masculino. Jogo crucial, marcado para às 21:30. Horário nobre. Era o jogo que definiria o rumo da competição, e todos sabiam disso.

Nossa torcida não chegava e assim que a torcida de Ribeirão já se dava como soberana no ginásio, algo aconteceu. De repente, tudo ficou calmo... Um silêncio tomou o ginásio e criou uma apreensão em todos que lá estavam. Um misto de medo e suspense tomou a todos. Ninguém em todo o local deixou de olhar para a porta quando uma vibração sincronizada e muito bem ensaiada parecia se aproximar. Aos poucos, dava para se ouvir em crescente "Quem vem aí... é o Porcão !!! Ô abre-alas pro campeão !!!". Não houve alma que não se arrepiou quando os portões se abriram e como guerreiros escoceses com os rostos pintados de branco e verde

toda nossa torcida invadiu a arena. Liderados por William "Pepê" Wallace, parecia que tínhamos um jogador a mais em quadra. Não perderíamos aquele jogo nunca em um milhão de anos. E não foi diferente. Naquela hora, a Medicina se reencontrou com seu espírito guerreiro e vencedor que havia abandonado. Esmagamos Ribeirão e no dia seguinte a ABC, abrimos o Cocosão e nos consagramos campeões mais uma vez. Tudo isso porque está sacramentado dentro de nós que sempre podemos vencer, e acreditando mesmo nisso, sempre vencemos! E, mesmo em momentos de dificuldade, podemos provar porque somos A MEDICINA.

SHOW MEDICINA

O resgate do soldado Américo

Por anos esta história foi mantida em segredo nos esgotos de Roma. Muito conhecida entre os bombeiros e encanadores da cidade dos Césares, ela foi tomada por mito nos últimos cinco mil anos. É que nem sempre a dita História Oficial representa aquilo que realmente aconteceu ad factum.

Vamos, portanto, ao factum:

Gabriel Elias de Oliveira
Mococa (91)

Ano de 700 a.C., Rômulo e Remo acabavam de ser deixados no leito de um rio que os levaria até uma margem segura, onde seriam resgatados e adotados por uma loba possuidora de três mamilos e muito amor em seu coração. Por trinta e três anos estes dois irmãos foram cuidados por sua mãe loba até o dia em que ela se deparou com certo professor de Medicina (arte deveras admirada e requisitada naqueles tempos de muitas guer-

ras) e foi obrigada a se tornar voluntária em uma disciplina de cirurgia asclépica. Com a morte por embolia da mãe, os dois irmãos viram surgir em suas vidas um novo dilema: um homem criado pela loba anos antes, e que vierá requisitar a herança da mãe.

Seu nome era Américo.

E como herança, Américo recebeu um terço de todos os ganhos da família.

E foi assim que o Américo ficou rico, visto que seus irmãos deram origem à cidade que deu origem ao maior Império do mundo. A herança de Américo, então, correspondeu à uma fazenda que possuía todo o norte da África, do Tânger ao Mênfis. Mas também Américo começou a ser perseguido, em razão de sua simpatia com o movimento pró-Triunvirato.

E um dia seqüestraram o Américo.

Em busca de tão importante e honrado homem, foram mandados os dois mais eficientes e aventureiros irmãos, os já famosos encanadores e mercenários Mario e Luigi. Por anos os dois mais fortes e ágeis detetives do Império procuraram pelo sistema

de Aquedutos romanos, único lugar para se esconder uma pessoa que seria reconhecida em qualquer lugar que fosse. Lixo, esgoto, toxoplasmose; nada era capaz de parar a busca destes dois incansáveis e obstinados homens que buscavam a todo custo o senhor de suas terras. Até que um dia se depararam com algo inimaginável naqueles tempos de guerra.

Eles viram o intangível? Não. Ad factum, entraram em um cano e saíram em um mundo de cogumelos Tuddyanos, onde as pessoas se alimentavam dos tais micetos e ficavam maiores e mais poderosas. Lá encontraram o herói de nossa história, que já estava do tamanho de um prédio de trinta e três andares e caído de amores pela Deusa Anandina.

Como fazer, então, para dar liberdade àquele homem que possuía tantos súditos e terras? Era preciso, certamente, que Américo se desfizesse da paixão e retornasse ao mundo dos homens justos. E foi assim que Mario e Luigi o livraram: fizeram-no se apaixonar por outra mulher, deve-

ras mais atraente que a Deusa - e mais calorosa com certeza com quem possuiu um filho que ainda hoje se encontra vivo.

Anandina, como há de se prever, não permitiria jamais tamanho desaforo e lançou sobre Américo o pior dos castigos: Transformou-lhe no mais puro bronze e o enterrou a dezesseis mil e quinhentos pés sob o chão romano.

Em 2005 d.C., é encontrada, sob a Praça de São Pedro - onde e quando Bento XVI celebra sua primeira missa sob a mitra papal - uma estátua feita em bronze. Reconhecida pelos mais famosos e competentes arqueólogos, e devidamente catalogada pelo Discovery channel, descobre-se tratar-se da imagem de "Américo Lourenço, o Paneleiro Português".

Para homenagear sua mãe, que - lembrem-se - foi voluntária em uma disciplina de cirurgia, é que a estátua de Américo foi afixada na Faculdade de Medicina da Universidade São Paulo, em frente ao nosso tão amado e idolatrado Teatro.

rimed

Produtos para Saúde

Toda a Linha de Artigos Médico-Hospitalares para o Doutor e para o Consultório!



Kit Acadêmico



Lanterna Clínica



Oftalmoscópios e Otoscópios



Aparelhos de Pressão



Maletas

Sua Volta às Aulas merece um presente... Sua Volta às Aulas merece Littmann!



Toda a linha de Estetoscópios

LOJAS RIMED SÃO PAULO CAPITAL

Vila Mariana: R. Borges Lagoa, 590 - rimed01@rimed.com.br
 Perdizes: R. Cayová, 1.816 - rimed02@rimed.com.br
 Paraíso: R. Martiniano de Carvalho, 1.875 - rimed03@rimed.com.br
 Rebouças: Av. Rebouças, 471 - rimed04@rimed.com.br
 Santa Cecília: R. Dona Veridiana, 272 - rimed05@rimed.com.br
 Hosp. das Clínicas: Av. Dr. Arnaldo, 455 - Faculdade de Medicina - rimedivc@rimed.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO LOJAS - SP - CAPITAL: (11) 3874-0200

OUTRAS REGIÕES

Santo André/SP: Av. Dom Pedro II, 1187 - (11) 4427-7141 - rimedstoandrea@uol.com.br
 S.J.Rio Preto/SP: R. Vol. de S. Paulo, 3721 - (17) 3231-4122 - rimedriopreto@rimed.com.br
 Osasco/SP: R. Padre Damaso, 429 - (11) 3698-4996 - rimedosasco@uol.com.br
 Campinas/SP: R. Dr. Mascarenhas, 435 - (19) 3238-8454 - rimedcps@terra.com.br
 Sorocaba/SP: R. Cesário Mota, 247 - (15) 3211-8285 - rimedesorocaba@rimed.com.br
 Rio de Janeiro/RJ: R. São Francisco Xavier, 382 - (21) 3872-2558 - rimedio@uol.com.br
 Campo Grande/MS: Rua 13 de Maio, 3722 - (67) 314-2700 - rimedcgr@terra.com.br
 S. J. Campos/SP: R. Dotzani Ricardo, 638 - (12) 3842-7321 - rimedsjcampos@rimed.com.br
 Santos/SP: Av. Bernardino de Campos, 243 - (13) 3223-4827 - rimedsantos@rimed.com.br

D.C. DEPARTAMENTO CIENTÍFICO

XXIV Congresso Médico Universitário – COMU

No mês de maio o Departamento Científico começou os preparativos para o XXIV Congresso Médico Universitário, mais conhecido como COMU, com o início das inscrições do Prêmio Oswaldo Cruz (POC) e do Prêmio Monografias (PMN).

O POC é um concurso de trabalhos científicos e artigos médicos inéditos realizados por acadêmicos de medicina. Os trabalhos concorrem em 5 áreas: básica, cirúrgica, clínica, relato de caso e medicina preventiva. Eles são avaliados por uma Comissão Julgadora que classificará os melhores trabalhos para uma apresentação oral, que é feita por um dos autores acadêmicos do trabalho.

Os trabalhos vencedores receberão uma quantia em dinheiro e poderão ser publicados na Revista de Medicina, periódico editado pelo Departamento Científico.

O PMN é um concurso semelhante ao POC, mas nele concorrem os trabalhos de revisão bibliográfica e as monografias realizadas também por acadêmicos de medicina, de qualquer instituição médica, auxiliados por um médico orientador.

Nestes Prêmios o aluno tem a oportunidade de encarar uma Banca Avaliadora em uma apresentação oral de seu trabalho.

As inscrições começaram no dia 09 de maio e vão até o dia 24 de ju-

nho. Os trabalhos podem ser entregues no DC até o dia 22 de julho. As apresentações orais ocorrerão no COMU, nos dias 3, 4 e 5 de outubro, em anfiteatros da Faculdade.

Se você tem algum trabalho, artigo ou monografia e gostaria de concorrer ao Prêmio, vá ao DC e informe-se sobre o Regulamento, ou acesse o site www.dcfmusp.com.br para tirar suas dúvidas.



SEMANA DA RECEPÇÃO

Agradecimento da COIN

Vimos agradecer a valiosa colaboração com a nossa Comissão de Integração da FMUSP, que organiza a Recepção de nossos novos alunos.

Gostaríamos de lhe dizer que sem sua contribuição não seria possível manter a proposta da programação da *Semana de Recepção* como inicialmente prevista.

Cordialmente,
PROF. DR. RICHARD HALTI CABRAL
 Presidente da Comissão de Integração da
 Faculdade de Medicina da USP.



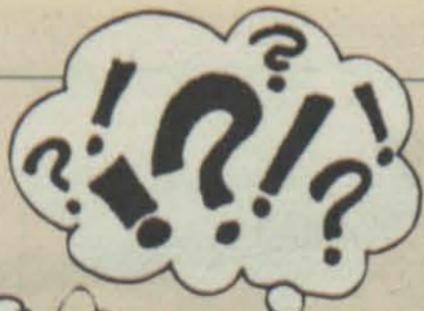
PROFESSORES: Adolfo W. Liao - Almir Ferreira de Andrade - Almir Ferreira de Andrade - Altamiro Ribeiro Dias - Amélia P. Marques - Antonio Marmo Lucon Belchor Fontes - Berenice Bilharinho de Mendonça - Carlos Tdsovc - Carlos Vicente Serrano - Centro de Estudos CirurgiaP.E Queimados (Marcus Castro) - Chao Lung Wen - Daniela Calderaro - Domingos Auricchio Petti - Edivaldo M. Utyama - Edson Aparecido Liberti - Essem Cerqueira César - Eugenio Raul de A. Pimentel - Francisco Vargas Suso - Geraldo Verginelli - Giovanni Guido Cerri - Irineu Tadeu Vellasco - Jackson Cioni Bitencourt - João Gilberto Carazzato - Joaquim José Gama Rodrigues - José Agenor Silveira - José Antonio Atta - José Antonio Curiati - José Otávio Costa Auler Jr. - Laudelino de Oliveira Ramos Leandro Duarte - Lisete Michelini - Luciana Rossini - Luis Eugenio Garcez Leme - Luis Henrique Gowdak - Luis Ronaldo Picosse - Luiz A. Benvenuto - Luiz Antonio Machado César - Luiz Mena Barreto - Marcelo Zugaib - Marco Amatzuzi - Marcos Boulos - Marcus Vinicius C. Baldo - Maria Aparecida Shikanai Yasuda - Maria de Lurdes Higuchi - Maria Lúcia Racz - Maria Oliveira de Souza - Mario Terra Filho - Milton de Arruda Martins - Nadir E. V. B. Prates - Olavo Pires de Camargo - Paulo Hilário Nascimento Saldiva - Paulo Machiori - Paulo Sampaio Gutierrez - Pedro Puech-Leão - Renato Sergio Pogetti - Ricardo Beyruti - Roberto Zatz - Sara Shammah Laquado - Sergio Almeida de Oliveira - Silvio Zalc - Sonia M. P. Sanioto - Szulin Zyngler - Tarcísio Eloy Pessoa de Barros - Vera Calich - Vinicius Baldo - Vitor Bunduki - Yolanda Garcia - Zuleica Fortes - Richard Halti Cabral.

EMPRESAS: Habbib's - Banco Bradesco S.A. - Café CAOC - Cursinho Anglo - Fundação Faculdade de Medicina - Laboratório Fleury - Lanchonete Flight.

Participe você
 também
 Envie para nós
 críticas,
 comentários,
 artigos,
 sugestões,
 poesias,
 crônicas

o bisturi

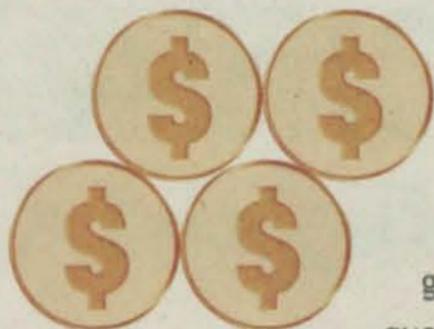
obisturi@caoc.org.br



CAÓTICA



Salve, salve, confusão! Para o Caótica dessa 2ª edição de O Bisturi selecionamos algumas charadas que rodam na boca do povo; como bônus vieram alguns Palíndromos, só para confundir um pouco mais a cuca. As soluções sairão na próxima edição de O Bisturi - CLARO que esperamos que você não precise delas para resolvê-las.



Cada uma das quatro moedas da figura da esquerda está encostada nas suas vizinhas. Como colocá-las conforme a figura da direita, de modo que a quinta moeda igual se encaixasse com precisão no espaço pontilhado? Não há instrumentos de medida, nem uma quinta moeda.

(Revista Super Interessante, Abril/98)



Conheço alguém cujo avô é mais jovem que seu pai. Como isso é possível?

Um explorador visita um país cujos habitantes, ou vivem na planície, ou na montanha. Falam todos a mesma língua, mas os da planície nunca mentem, ao passo que os da montanha são mentirosos inveterados (e, portanto, sempre mentem).

O explorador conhece muito mal a língua. Sabe que Grb e Mnl significam sim e não, mas não sabe ao certo qual das duas significa sim ou não.

Está perante três habitantes do país e põe a cada um deles estas duas questões: "aqueles teus dois amigos são da planície?", "aqueles teus dois amigos são da montanha?". Todos respondem Grb a cada pergunta, exceto um deles, que responde Mnl à segunda questão.

Qual o significado de Grb?

AME O POEMA
A MODA DOMA
A GRAMA É AMARGA
A TORRE DA DERROTA
ERRAR GOL É LOGRAR RÉ
A MACA ADIA A IDA À CAMA
ALI VAI FAMA DA MÁFIA VILÃ
ARI VÊ O MURO NO RUMO E VIRA
A VAIDOSA MOÇA É DE FÉ DE AÇO, MAS ODIAVA
SOCORRAM-ME SUBI NO ÔNIBUS EM MARROCOS
O ROMANO ACATA AMORES A DAMAS AMADAS E ROMA ATACA O NAMORO
LUZA ROCELINA, A NAMORADA DO MANUEL, LEU NA MODA DA ROMANA: ANIL É COR AZUL

PALÍNDROMOS

Existem duas cordas e um isqueiro. Cada corda demora exatamente 60 minutos para queimar; suas partes, contudo, não se queimam com uniformidade. Como você faria pra medir 45 minutos?



produsp

PROGRAMA DE PREVENÇÃO
E TRATAMENTO DO USO DE
DROGAS NA USP
3091-5357 / 3069-7891
produsp@usp

Mande para a Caótica suas críticas,
sugestões, poesias, contos, receitas...
obisturi@caoc.org.br